



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de
2011

TRADIÇÃO ORAL: NOS TROVADORES E NO TERNO DE REISADO

Aracelly Cristina dos Santos

UEMS

RESUMO: O artigo busca discutir a Folia de Reis como manifestação cultural e folclórica, cuja origem remonta ao trovadorismo, momento da literatura portuguesa. Para discutir essa manifestação tomou-se o caso da Folia de Reis da cidade de Ivinhema. Não perdeu-se de vista a intenção de demonstrar como se compõe o reisado.

PALAVRAS-CHAVE: folia, reis, folclore

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apontar semelhanças entre a Festa Popular de Folia de Santo Reis e a Literatura Medieval, do período intitulado Trovadorismo. A princípio há o interesse de informar e apresentar a festa popular, pois a Folia de Santo Reis que é uma festa religiosa do Brasil. Sua origem remonta aos primeiros colonizadores portugueses e ainda ela está muito presente nas cidades interioranas dos estados, principalmente em Minas Gerais e Goiás onde tal manifestação popular continua viva e latente entre os moradores. A vontade de informar sobre tal tema é devido ao fato de que muitas pessoas ainda não conhecerem sobre a Folia, ou ainda, por conhecerem pouco e julgar algo que não condiz com o real. Isso porque, infelizmente, as tradições estão se perdendo e algumas pessoas, principalmente as mais jovens, não dão tanta importância ao tradicional.

Uma das metas deste artigo é mostrar a Folia de Reis e despertar a curiosidade sobre tal festa que perdura por tanto tempo e, talvez, sanar algumas dúvidas quanto às origens da Folia de Santo Reis que reúne pessoas simples ligadas a coisas simples como oralidade, obediência aos mais velhos e, principalmente, alegria e fé.



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

Outro objetivo deste trabalho é estudar a teoria da Literatura Trovadoresca suas características e particularidades. A Literatura Medieval é marcante, pois relata a sociedade, o romance, o amor de uma forma pura, o falar sem medo, e marca o início da poesia, portanto é relevante aos Estudos Literários. O Trovadorismo revela a pedra angular da escrita literária, devido ao fato de que nesse período em Portugal, ocorre a presença da escrita para manifestar os sentimentos das pessoas. Assim marca a transição de uma época da oralidade para a escrita. Mesmo se tratando de um período que ocorreu em Portugal, devido à origem lusa dos brasileiros, as marcas na Literatura Nacional e nos costumes brasileiros perduram até hoje.

E são algumas dessas marcas que serão apresentadas neste trabalho, visto que há alguns detalhes que ligam os costumes tradicionais da popularidade da Folia de Santo Reis e a Literatura Medieval. Pois compreender o valor que cada período pode deixar para futuras manifestações literárias, apontar marcas relevantes sobre os dois temas um contrastando com o outro.

Com relação ao material utilizado para o desenvolvimento do trabalho destacam-se livros teóricos sobre a teoria do Trovadorismo baseados em alguns autores que estudaram tal período. Já com relação à parte da Folia de Santo Reis há uma dificuldade maior, pois não há muitos estudos relacionados ao tema, o material utilizado foi, basicamente, um trabalho de mestrado, vídeos de folia de Reis e conversas informais com um mestre de Folia de Santo Reis da cidade de Ivinhema – Mato Grosso do Sul.

O motivo desse tema de estudo para este trabalho está ligado a fato de uma admiração pela Literatura Trovadoresca que se iniciou após estudo em sala de aula sobre determinado período e após ver um filme relacionado ao mesmo tema “Tristão e Isolda” dirigido por Kevin Reynolds. Em relação à Folia de Reis, a opção veio ao encontro da observação de que na minha cidade, Ivinhema, tem um grupo de Folia de Santo Reis que sempre me causou interesse por conta das pessoas e dos ritmos que vigoram na Festa. Acredita-se que através deste trabalho poder-se-á conhecer um pouco mais sobre o tradicionalismo da Folia de Reis e admirar tal manifestação.



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de
2011

1 - A FOLIA DE SANTO REIS

A Folia de Santo Reis é uma festa de origem portuguesa diretamente ligada a comemorações de grupos populares Católicos, durante o período Natalino, exatamente da 00:00 do dia 24 de Dezembro até o dia 6 de Janeiro, com o objetivo de oferecer devoção aos Santos Reis, numa forma de comemoração ao nascimento do Filho de Deus, Jesus Cristo. Esses Santos Reis referem-se aos três reis magos, que são personagens descritos na Bíblia no episódio do nascimento de Cristo: Melchior, Baltazar e Gaspar, que passaram a ser, realmente, considerados Santos pela Igreja Católica a partir do século VIII. Para alguns países, principalmente, os de origem espanhola, a data de 06 de Janeiro, dia oficial dos Santos Reis, é a data mais importante, religiosamente falando, até mais que o próprio Natal. Por se tratar, basicamente, de uma festa religiosa os foliões cantam, rezam sempre de uma forma elevada a Deus, ou nesse caso aos reis Magos.

Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judéia, no tempo do Rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém e perguntaram: Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos para prestar-lhe homenagens. Depois que ouviram o Rei, eles partiram. E a estrela, que tinham visto no Oriente, ia diante deles, até que parou no local onde o menino estava. Ao verem de novo a estrela os magos ficaram radiantes de alegria. Quando entraram na casa viram Maria com o menino. Ajoelharam-se diante dele, e lhe prestaram homenagem. Depois abriram seus cofres, e ofereceram presentes ao menino: ouro, incenso e mirra. (MATEUS 2, 1-2; 9-10; 11)

No decorrer desses doze dias a qualquer momento pode bater a porta dos moradores da cidade ou do campo, um grupo de pessoas seguido de palhaços, dos reisados e com vários instrumentos muito barulhentos. Eles oferecerão bandeiras e fitas coloridíssimas, enquanto do lado de fora um grupo de pessoas dança ao som de violões, pandeiros e cavaquinhos, entre outros, enquanto outros recitam versos. Em alguns grupos as visitas são feitas apenas nas casas onde os integrantes da Folia são previamente convidados ou aos que já pertencem ao grupo de foliões ou “Irmandade da Sorte” (CANESIN E SILVA, 1983, p.21). Em alguns grupos de determinadas regiões os foliões se encaixam na Irmandade da Sorte, pois por



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

estarem juntos todo ano em função da Folia se consideram parentes de sangue que são devotos aos Santos Reis.

Segundo Kimo a prática da Folia de Santo Reis chegou ao Brasil com os Europeus e que assume particularidades próprias brasileiras (2006, p. 19). Para Maria Tereza Canesin e Telma Camargo da Silva (1983) em seus estudos sobre a Folia de Santos Reis afirmam que quando os Portugueses chegaram ao Brasil já existiam várias manifestações populares em vários países conhecidas pelo nome de “Folia”. Os Portugueses trouxeram uma espécie de Folia para o Brasil e aqui, anos à frente, os “adoradores e seguidores” dos três Reis Magos adaptaram os seus cumprimentos de promessas aos Reis à Folia já apresentada pelos Portugueses. Mas alguns grupos e foliões, segundo estudos, acreditam que a Folia surgiu antes mesmo do nascimento de Cristo. Em nosso país a visitação das casas pelos “Ternos”, o nome utilizado pelos participantes do ritual para designar grupo, conjunto ou bloco, é feita por grupos organizados geralmente motivados por propósitos sociais ou filantrópicos, ou ainda pela memória de outras companhias de Folia de Reis.

Caracterizam-se, principalmente, por espetáculos considerados populares que são apresentados nas residências, praças e até nas ruas para homenagear os três reis magos que, como já foi dito, levaram ouro, incenso e mirra para Jesus, quando o menino nasceu, o que, para algumas pessoas, representa as três dimensões de Cristo – Rei, Divino e Humano.

Os participantes da Folia de Santo Reis ou, como são chamados em alguns lugares, os membros do Terno de Santos Reis, geralmente são trabalhadores braçais, pessoas com baixa renda, que naqueles compõem uma camada social considerada fora da sua realidade. Na maioria das vezes, tais pessoas são mestres, imperadores, sacerdotes populares e, principalmente, devotos, dotados de sabedorias seculares mantidas pela resistência da cultura, que, infelizmente, aos poucos vem sendo esquecida, só para maior entretenimento da elite, pois para alguns a cultura trata-se de incômodo, de coisas sem valor. E é por conta dessa repressão social que muitos homens e mulheres de todas as faixas etárias se identificam com o universo do Terno de Folia de Santo Reis ao qual dedicam grande parte da sua vida aprendendo e praticando o ritual.



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

“A tradição da Folia de Reis como um culto de princípios católicos, cujas formas de expressão podem remeter a elementos do “cristal” africano historicamente silenciado e oprimido” (KIMO, 2006, p. 30). O ritual é conhecido por todos como uma festa da tradição católica, até pelos seus participantes, mas mesmo assim encontram-se elementos como tambores, danças e, sobretudo, ritmos repercutidos no próprio corpo humano, entre outros fatores, que podem ser considerados e encontrados em cultos de origem Africana. Com isso, pode-se também considerar que a Folia de Santo Reis não é apenas centrada em perspectivas do mito Cristão, como já foi descrito no evangelho de Mateus, narrando à visita dos três reis magos a Jesus quando o mesmo nasceu.

Através desta perspectiva pode-se ver que no Terno há elementos que distinguem o rito de práticas puramente católicas romanas, tais elementos são acrescentados à forma de culto, aos personagens bíblicos, as orações, o que torna tal prática algo tão particular, na qual há o envolvimento de uma prática cristã com um culto de origem africana. A presença de elementos africanos no grupo pode ser explicada pelo fato de que até mesmo antes da formal descoberta das terras brasileiras, as sociedades europeias já tinham um longo percurso de expropriação e dominação do continente africano, e, principalmente, dos corpos africanos, como afirma José Ramos Tinhorão:

Quando o Brasil foi descoberto, em 1500, havia mais de cinquenta anos que os portugueses ‘filhavam’ (seqüestravam) e traficavam negros pro resgate ao longo da costa da África ocidental, desde o Rio Senegal (Cabo Verde-Guiné) até a altura do Rio Zaire ou Congo (São Tomé-Costa da Mina), já tendo transportado para seu entreposto distribuidor de Lisboa perto de 150 mil escravos. (TINHORÃO *apud* KIMO, 2006, p. 10).

E com a exploração das terras brasileiras e a vinda de africanos para aqui trabalhar, resquícios da cultura dos mesmos sempre estarão presentes, sobretudo, em tradições tão antigas como a Folia de Santo Reis. Assim, resumidamente, os rituais tradicionais da Folia de Santo Reis remetem-se tanto a narrativa mitopoética cristã quanto aos elementos de religiosidade africana.



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de
2011

Durante o Giro, nome dado ao ato de passar pelas casas dos foliões é exigido momentos de extrema concentração espiritual, baseados, principalmente, em canções e ritos relacionados à meditação, como a reza de terços, e também momentos de danças e brincadeiras entre os participantes. Em alguns grupos existem algumas curiosidades sobre o Giro, alguns acreditam que para dar certo o Giro e para que eles alcancem o desejado nas casas devem evitar dois tipos de coisa: primeiro, devem sempre começar o Giro pelo lado esquerdo por conta de uma crença relacionada a um tipo de mato conhecido por Cipó, afirmam que este só enrola para o lado direito, jamais para o esquerdo, por isso o começo do Giro pelo esquerdo; e segundo, nunca fazem cruzamento durante o Giro, por uma questão dos mais velhos dizerem “que não é bom Cruzar”, portanto sempre começam da esquerda e saem à direita.

Vale ressaltar, que como já foi dito, isso varia de Grupo para Grupo e de Região para Região, pois mesmo a Folia sendo algo tão antigo, a mesma mantém uma base, mas também pode haver elementos e crenças particulares em cada uma delas.

Na Folia de Reis, certos segredos são compartilhados apenas pelos integrantes mais velhos ou dominados apenas pelo mestre. Tais segredos colaboram para ampliar o respaldo de sua comunidade, afastando-a da banalização, e, ao mesmo tempo, contribuem para evitar o esvaziamento do ritual diante do possível esquecimento ou morte de seu detentor. Além disso, certos segredos permanecem envoltos pela religiosidade de seus participantes, que temem as possíveis conseqüências espirituais de uma má utilização de seus saberes. (KIMO, 2006, p.39).

Pode-se observar que existem tipos de “segredos” que são compartilhados apenas por aqueles foliões com muito tempo de participação no terno ou somente pelo próprio mestre e um segundo integrante de muita confiança. Tais segredos ajudam a ampliar o ritual para aquelas pessoas que desejam dar continuidade a folia daquele grupo, afasta grandes variações para com o rito e descartam a chance de perda e esquecimento do ritual perante uma possível morte por parte do mestre, que, geralmente, é o detentor de tais segredos. Por outro lado, esses segredos são tão bem conservados para que se evite uma utilização inadequada de tais saberes, influenciando, também, na manutenção dos ritos tradicionais presentes na folia.



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de
2011

Todas as pessoas que acompanham a folia são conhecidas por foliões. Cada grupo é composto, basicamente, por músicos que tocam instrumentos, geralmente, de percussão e produzidos artesanalmente, durante o giro, por cantores, dançarinos, e todos são guiados por um que é o “chefe” da Folia, chamado no terno de Mestre. O número de integrantes de um terno de Folia de Santo Reis pode variar de acordo com vários fatores, apesar disso, a estrutura principal mínima para o desenvolvimento da prática do ritual permanece sempre único e constante. “Cada grupo possui uma estrutura mínima diferente, que é construída por valores estéticos consolidados, a partir dos quais as funções dos participantes são estabelecidas” (KIMO, 2006, p. 85) e é então que o giro realmente começa, quando cada um dos integrantes está ciente de sua função dentro do terno.

Mesmo as estruturas de cada grupo sendo variada cada folia tem encargos fixos ou estrutura mínima que contribuem para a organização do Terno, geralmente os elementos básicos do grupo, que são encontradas em quase todos os grupos, independentes da região são: *Gerente*: que é o porta-voz e a autoridade máxima do grupo responsável, principalmente pela disciplina do grupo, pois administra o dinheiro e prendas arrecadadas durante as visitas para a Festa de Santo Reis. Este pode participar ou não das coreografias e músicas da folia; *Mestre, embaixador ou guia*: este tem grande importância também, pois é o cantador dos versos, ele canta a história bíblica e toda a trajetória da folia, conhece todas as partes da folia e às vezes até improvisa versos; *Contra – Guia*: não são todas as folias que o nomeiam assim, mas este é mais responsável com as respostas das cantorias; *Bandeireiro (alferes) ou ainda Folião do Ano*: é o que carrega a bandeira dos Santos Reis. Qualquer um do terno pode desenvolver tal função, mas geralmente, cada grupo tem um titular para esse cargo. O bandeireiro “puxa a Fila” do cortejo, e jamais algum outro participante passa a frente dele. A autoridade espiritual cabe a ele, por isso ele é totalmente respeitado na Folia, geralmente o terno sai da casa do bandeireiro; *O Festeiro*: Geralmente é o escolhido para que a festa do dia 06, de encerramento seja na sua residência; *Músicos*: acompanham toda a Folia com seus instrumentos musicais, violão, viola, pandeiro, entre outros; *Dois palhaços*: são guardas da companhia, de acordo com a tradição histórica, eles têm função de distrair os soldados de Herodes, estes também nem sempre são de todas as folias, varia de região ou grupo. Enfim



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

esses são os principais, mas vale ressaltar que muitas outras pessoas participam ora como tocadores, ora como devotos e seguidores, conhecidos por foliões.

Todos os Grupos de Folia de Reis saem com o mesmo propósito, prestar homenagem aos Reis Magos, mas pode acontecer de haver diferenças, pois “de acordo com o entendimento de seus participantes, tem o seu jeito próprio de se organizar” (CANESIN E SILVA, 1983, p.32), ou seja, cada grupo pode criar suas cantorias ou inventar maneiras diferentes de guiar o terno de acordo com sua região, claro, sempre respeitando a base da Folia de Reis. É por isso que se possível encontrar Foliás que andam a cavalo, outras a pé que o normal. Geralmente giram a noite, mas há registros de algumas que fazem seus giros durante o dia, há grupos que por serem muito grande se dividem durante o giro e marcam um encontro em um determinado momento, alguns foliões possuem uniformes outros não. Enfim, notam-se várias diferenças entre os grupos de Folia, mas todos respeitam os quatro pontos da Folia de Reis: A Saída que é o início da viagem; O Giro que são as andanças dos Foliões; O Pousa é o lugar onde os foliões param para comer, descansar e festejar, e A Recolhida é a festa do dia 06 de Janeiro, onde usufruem de todos os bens recolhidos durante os dias de giro.

Sinteticamente, o terno da Folia de Santo Reis chega à frente de uma determinada casa, sempre cantam os versos de “saudação” aos donos do lar, “a preocupação sobre o “cantar esclarecido”, termo utilizado para indicar que os ouvintes têm que ouvir bem e entender as letras das canções” (KIMO, 2006 p. 78) onde já pedem a permissão para entrar e cantar. Enquanto cantam justificam, em suas canções, o motivo da “chegada” do grupo. Dada à permissão, segue-se, dentro da casa já, a louvação através de várias canções.

“Trata-se de canções cotidianas, canções não referentes ao contexto mítico sobre o qual é construída a tradição da Folia de Reis.” (KIMO, 2006, p.91). Todas as canções entoadas durante a Folia são de cunho cultural e religioso, dividi-se em estrofes com versos cantados e falados. As músicas tem características baseadas em letras e ritmos que ao ouvi-las, mesmo que de longe, se tem a possibilidade de reconhecimento de que se trata da Folia de Santo Reis. A “apresentação” completa canta desde o nascimento de Jesus até sua morte. É através dessas canções que os foliões têm a oportunidade de expressar seus recursos linguísticos e semânticos em usufruto das canções.



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

Existem na Folia de Santo Reis alguns versos que são cantados apenas pelo executante guia ou pelo “responde” ou contra - guia (cantor que realiza a resposta do responsório, isto é, dá seqüência aos versos cantados pelo mestre ou guia), de tais versos ou cantigas contém grande influencias sobre os participantes e também servem como ponte do mundo dos vivos para o mundo dos mortos. Como já foi dito, tais versos são de domínio apenas de dois dos mais importantes participantes do Terno, o guia e o responde e devem ser devidamente, utilizados apenas em momentos de grande necessidade o que propicia o fortalecimento espiritual do mestre e dos foliões contra as energias negativas do ambiente, como se fosse um “exorcismo” popular o que ainda caracteriza os segredos e mistérios do universo da Folia de Santo Reis.

Segundo Lucas (2006), as músicas do terno se perpetuam através das gerações, por dinâmicas próprias da oralidade, passando por transformações e transcrições continuamente necessárias para a sobrevivência e permanência cultural de seus praticantes, chegando hoje aos nossos ouvidos como “um forte veículo de devoção que compõe a paisagem sonora de toda uma população atual” (KIMO, 2006, p. 97).

A Folia de Santo Reis se trata de uma cultura cujas características mais importantes e os principais saberes são transmitidos oralmente aos demais participantes do grupo ou até mesmo para aquelas pessoas que buscam apenas informações sobre a prática da Folia de Santo Reis.

Durante o período de visitas o Grupo de Folia de Santo Reis não ficam desfilando abertamente pelas ruas das cidades, muito pelo contrário, as “apresentações” são feitas para um público escolhido, ou seja, especificamente os devotos dos Santos Reis.

Os cultos são realizados reservadamente, pois os mesmos são feitos através de uma narrativa mitapoética onde se fixa na forma e no caminho percorrido pelos três reis magos e, busca do local do nascimento de Jesus, tal reclusão dos cultos referem-se ao fato de os Reis Magos realizarem essa procura escondidos durante a noite, pois objetivam despistar os enviados do Rei Herodes, que também procuravam o local a fim de matar a criança. Na tradição cultural da Folia de Reis essa rotina de visitação noturna só é quebrada na data dedicada aos Santos Reis, ou seja, 06 de Janeiro. Diferentemente dos outros dias, neste



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

acontece uma grande festa de encerramento aberta a todo o público, onde os ternos apresentam algumas performances publicamente. “O lundu é uma dança aberta à participação de todos os espectadores, sejam eles vinculados aos devotos ou aos próprios foliões. Na maioria das vezes, os donos das casas, assim como seus convidados, permanecem tímidos durante as apresentações”. (KIMO, 2006, p. 63).

Uma dessas performances é o “Lundu”, uma dança para todos, onde todos os participantes do giro, sejam devotos ou não, podem participar, isto é, devem participar, pois a dança só acaba quando todos os participantes daquele culto dançar ou com uma ordem do mestre. Durante o Lundu, a mais tradicional dança do terno, forma-se um círculo, e um participante deve permanecer no centro de sapateando, quando o mesmo considerar sua própria desempenho bom deve-se retirar do centro do círculo, convidando outra pessoa para assumir a dança, e assim, com movimentos rápidos, giratórios e ritmados, todos os integrantes participam do Lundu. Ao fim de todos os participantes, cabe ao mestre apresentar seu desempenho no centro e encerrar a dança girando os braços e as mãos.

Cada culto ou visitação segue-se um roteiro, inicia-se com orações de mãos dadas pedindo bênção e proteção para a nova jornada, geralmente as orações rezadas é o pai-nosso e ave-maria. Após tais orações todos os participantes ficam diante de uma imagem dos Santos Reis reverenciando e depois se benzem com o sinal da cruz e todos seguem para algum lugar determinado pelo mestre e aguardam até a hora real do início do ritual, às 00 h. Nesta hora realiza-se, canto e os foliões iniciam o giro.

1.1 - O GIRO

“Casas de giro, ou seja, as casas que os foliões visitam no desenvolver da jornada, quitando suas promessas ou agradecendo pelas bênçãos recebidas.” (KIMO, 2006, p. 59). O grupo deve se aproximar e entrar em cada casa de giro em extremo silêncio, representando à tática dos reis magos para a procura de Jesus. Ao entrar na casa se encerra o silêncio com uma canção, a “canto de chegada”, tal música explica quem são e o que querem.



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

Canto de Chegada, primeiro microrritual do ciclo dos giros da folia. Trata-se de uma canção na qual não há movimento coreográfico. Apesar de a letra não ser improvisada, suas quadras de versos não são fixas, fornecendo ao intérprete liberdade para alterar a ordem dos versos ou omiti-los, para controlar a duração do ritual a cada *performance* (KIMO, 2006, p. 94)

Após o canto da chegada espera-se que os moradores abram a casa, feito isto, o mestre inicia o Lundu. Concluído o Lundu todos os participantes se espalham por todas as partes da casa, onde se dá início a uma nova dança regada de cantos e palmas:

Guaiânio, dança composta pelo canto, sapateado e palmas, que exige uma ou duas violas para o acompanhamento harmônico, caixa de folia e pandeiro. É uma dança cuja coreografia é em forma de “S”, na qual os participantes giram entre si, cruzando e entrelaçando as duas duplas necessárias para sua realização”. (KIMO, 2006, p. 61).

Tal dança exige do grupo alguns instrumentos específicos como, duas violas, um tambor e pandeiros, além de duas duplas para fazer a coreografia, geralmente, dançam-se em forma de “s”. A dança ao Guaiânio trás mensagens relacionadas à natureza e a vida no campo, e tem como características principais a “requinta” e o “baixo”, são dois tipos de sons emitidos pelas vozes dos cantores.

Logo depois das danças, reserva-se um tempo para o descanso dos foliões, cada um dos participantes escolhe um local na casa para se sentar e se servir do lanche que, geralmente, é servido pela família visitada.

Com o término do terço, os foliões, um a um, recolheram seus instrumentos cuidadosamente escorados em um dos cômodos da casa para iniciar as danças – lundu, guaiânio e guaiânio-violado –, ou, como os próprios foliões costumam dizer, para começar “as brincadeiras. (KIMO, 2006, p. 69).



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de
2011

Os momentos mais descontraídos, as danças, as conversas, são conhecidas, entre os foliões, por “brincadeira”, mas algo extremamente importante, algo com grande relevância vinculada ao ritual, isto é, ao escolher “brincar” durante o giro o participante assume um compromisso muito importante, pois ele próprio guia e delimita suas ações, e deve se adequar aos valores e a identidade do grupo.

É de grande valia afirmar que nos Grupos de Folia de Santo Reis é um ritual que permeia por muitos valores tradicionais relacionados a um contrato religioso vivido pelos participantes e devotos, mas para uma melhor compreensão da complexidade do ritual deve-se dividi-lo em “micro rituais”. Tais micros rituais estão, diretamente, ligados aos diversos e diferentes momentos e ações que há na composição sequencial realizadas pelo terno durante o ritual de visitação.

O arremate encerra as atividades rituais dos grupos, que serão retomadas apenas com a aproximação do mês de dezembro, período em que os foliões se reunirão novamente para ensaiar seus cantos e danças, iniciando um novo período de jornadas. (KIMO, 2006, p. 157).

Durante a festa do Arremate ou Recolhida, nome dado à festa de encerramento das visitas do Grupo, há muitas luzes, para os devotos as luzes apresentam grande significados, pois foi através do brilho da luz de uma estrela que os Reis Magos encontraram Jesus e Sua família. Tal festa é feita com todas as arrecadações que se consegue durante os giros. Geralmente nota-se uma grande participação da comunidade externa nessa última festa, o que comprova que a tradição da Folia de Santo Reis ainda cativa a muitos.

A conclusão que se tem é que essa festa anual possibilita que muitas famílias abram suas casas e acolham a Folia e suas canções significativas. Nota-se também que a principal função da Festa dos Santos Reis é preservar e apresentar esse antigo e coletivo conhecimento da Folia. Pode-se ver que o terno, ao longo do tempo, sofre modificações em seu ritual, mas sempre há um grande respeito para a preservação dos valores, tradições e características do culto.



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de
2011

Enfim, a Folia de Santo Reis, com toda sua particularidade e beleza, mesmo sendo uma festa muito antiga, ainda cativa muitos participantes, sejam como devotos, tocadores ou apenas “curiosos”, ainda se vê uma grande espera e participação por essa festa, nota-se, principalmente, nas cidades do interior, que essa tradição permanecerá muito ainda, o que prova que as pessoas, mesmo com todas as atualizações do mundo, ainda buscam a essência das coisas, e no caso da Folia De Reis a essência é realmente a cultura, a história e devoção.

1.2- FOLIA DE SANTO REIS EM IVINHEMA – MS.

Na cidade de Ivinhema – MS ainda se pode desfrutar da festa popular de Folia de Santo Reis. O grupo comandado pelo Mestre Valmir Batista que, desde 1977 vem dando continuidade a um trabalho começado por seu avô e seu pai. Com morte de seu pai Rosalino Batista que coordenava o Grupo desde 1955, Valmir tomou a frente e vem mantendo até hoje a Folia de Reis denominada aqui “Companhia dos três Reis Magos”. O grupo conta hoje com aproximadamente 25 componentes fixos. Nota-se que o grupo de Ivinhema segue uma característica importante da Festa, há uma continuidade das ações dos mais velhos, Valmir Batista, o mestre hoje, dá seguimento a algo começado muito antes e ainda no mesmo grupo estão pessoas ligadas a Valmir por laços sanguíneos, como sobrinhos, irmãos e primos, além de sua filha que ainda é uma criança e sua esposa.

Assim a Companhia dos Três Reis Magos começa seu Giro na cidade de Ivinhema no dia 24 de Dezembro, andam 12 dias ininterruptos visitando as casas em todos os bairros, com suas roupas coloridas, geralmente uniformizados, onde o verde, o vermelho e o amarelo predominam, carregam sua bandeira com diversas imagens dos três reis e também de Nossa Senhora Aparecida e da Sagrada Família, cantam suas canções características e tocam os instrumentos de forma harmônica e rítmica. Uma característica importante desse grupo é que eles não têm a figura do palhaço e também não pedem oferendas, não pedem nada as casas visitadas, apenas aceitam o que lhes é oferecido, independente do que seja comida, bebidas, dinheiro, enfim, se a família visitada quiser oferecer algo, eles aceitam.



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de
2011

Ao fim dos doze dias de giro é feito uma grande festa de encerramento da Folia de Santo Reis no Pesque-pague dos Reis que pertence à família do mestre Valmir Batista, lá se reúnem muitas pessoas para festejar o fim de mais um ciclo da Folia de Santo Reis. Eles rezam o Terço, abrem momentos para que as pessoas façam suas preces a Santo Reis, cantam as músicas e dançam, e então festejam a vontade usufruindo dos bens arrecadados durante a Folia.

Na época da Folia de Santo Reis do ano de 2008 o Mestre Valmir e seus companheiros conseguiram realizar um sonho antigo da Companhia, além de ter corrido tudo bem nos giros e nas ofertas e adoração a Santos Reis, eles encenaram o nascimento de Jesus no final da Festa. O teatro foi apresentado por todos os integrantes da Companhia, com direito a cenário e fantasias coloridas. A farsa do nascimento de Jesus encenada pelo Grupo foi vista por mais de mil pessoas da cidade. Segundo Valmir Batista, o mestre dos Três Reis Magos de Ivinhema contar a história do nascimento de Jesus através do teatro é um sonho antigo dele e de sua família.

A companhia de Folia de Reis de Ivinhema, Companhia dos Três Reis Magos, coordenada desde 1977 pelo mestre Valmir Batista representará a cidade e o Mato Grosso do Sul no Encontro Anual de Companhias de Reis que acontece na cidade de Aparecida do Norte (SP). (Jornal DIÁRIO MS (on-line)).

O Grupo também representou Mato Grosso do Sul no Encontro Anual de Folia de Reis que acontece na cidade de Aparecida do Norte, São Paulo, onde se reúne Grupos de Folia de Reis de todo o país. Para os Foliões daquela região foi uma oportunidade única de estar próximos a outros grupos, que também seguem e adoram os três Reis Magos, às vezes diferentes deles, mas com o mesmo propósito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de
2011

ANDRADE, F. T. **Coleção Objetivo: Sistema de Métodos e Aprendizagem, Literatura Portuguesa.** São Paulo: CERED, 2005.

CANESIM, M. T.; SILVA, T. C. **Coleção “Religiosidade Popular” A Folia de Santo Reis.** 1º ed. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1983.

D’ONOFRIO, S. **Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais.** 2º ed. Ática, São Paulo: 2004.

Gaspar, L. **Reisado. Pesquisa Escolar On-Line,** Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 15 de Setembro de 2009

KIMO, I. J. **Musica Ritual e Devoção no Terno de Folia de Santo Reis do Mestre Joaquim Pólo.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. 2006.

Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp022558.pdf>> Acesso em: 20 de Agosto de 2009.

MOISÉS, M. **A Literatura Portuguesa através dos textos.** 27º ed. Cultrix, São Paulo: 2000.

MOISÉS, M. **A Literatura Portuguesa.** 28º ed. Cultrix, São Paulo: 1999.

MOISÉS, M. **A Literatura Portuguesa em Perspectiva.** Vl. 1. Atlas, São Paulo:1992.



Edição 01 – Novembro de 2011

Texto recebido em Outubro de 2011
Aceito para publicação em Novembro de 2011

NUNES, J. J. **Crestomatia Arcaica**. 7º ed. Lisboa: Livraria clássica editora, 1970.

SARAIVA, A. J.; LOPES Ó. **História da Literatura Portuguesa**. 17º ed. Portugal. Editora Porto, 2000.

SPINA, S. **A Lírica Trovadoresca**. Ed. Universidade de São Paulo, São Paulo: 1996.

Sites acessados para pesquisas:

<<http://recantodasletras.uol.com.br/resenhas/595509>> Acesso em: 12 de Setembro de 2009

<<http://www.terrabrasileira.net/folclore/regioes/6ritos/reisado.html>> Acesso em: 12 de Setembro de 2009

<<http://www.rosanevolpato.trd.br/lendareisado.html>> Acesso em: 15 de Setembro de 2009

<<http://www.overmundo.com.br/overblog/folias-de-reis-o-canto-que-toca-e-encanta>> Acesso em: 25 de Setembro de 2009.

<<http://bbcnews.com.br/index.php?p=noticias&cat=26&nome=Ivinhema&id=126036>> Acesso em: 28 de Setembro de 2009.